

# Demolidos 31 barracos no Guarará

DF - Invasão

*SivSolo retira invasores da QE 44 e deixa somente as moradias garantidas por liminar, mas anuncia que voltará*

Roberto Fonseca  
Especial para o Correio

**D**esespero, choro e muita correria. Esse era o quadro durante a derrubada dos barracos da invasão da QE 44 do Guarará II. Realizada na manhã de ontem, a operação derrubou 31 das 37 moradias da área. "Os seis que restaram estão amparados por uma liminar", informa o major Oliveira, subgerente do Sistema Integrado de Vigilância do Solo (SivSolo). "Retornaremos assim que a liminar for cassada", acrescenta.

A sensação de perda tomava conta dos invasores. "Como é que fazem uma coisa dessas? Que governo é esse? Onde a gente vai ficar?", perguntava, aos prantos, Ivone Santiago, 35 anos. Seu marido, o pedreiro desempregado Edson Gomes da Silva, 40 anos, também estava revolta-

do: "Se tivéssemos um lugar, iríamos para lá. O jeito vai ser a gente levantar um barraco de lona e ficar por aqui".

A invasão começou em fevereiro do ano passado, apesar de alguns afirmarem estar há mais de quatro anos no local. "Vimos para cá por causa do Roriz. Ele dizia na época de campanha que ninguém é invasor no seu próprio país", diz Tânia França, enquanto amamenta sua filha Eduarda. As promessas do governador são lembradas pela maioria dos invasores. "O Roriz prometeu não derrubar minha casinha. Há uns dois meses pedimos um lugar para ficar", lamenta Rosane Ferreira. Com o marido em liberdade condicional, o desespero tomava conta da jovem de 25 anos. "Meu marido não vai voltar a roubar. Vou continuar aqui, pois não tenho como pagar aluguel".

André Corrêa



Os invasores receberam prazo de 24 horas para sair, terça-feira. Ficaram e perderam os barracos

O crédito do governador com os invasores era enorme. "O pessoal do Roriz vinha aqui e pedia para não deixarmos aumentar a invasão", fala Hélio Alves Coimbra. Na semana passada, Hélio

seguiu à risca as orientações. "Estavam levantando mais dois barracos. Por causa disso arrumei uma briga. Estou todo machucado, com 40 pontos na perna".

## PRAZO

Na segunda-feira, funcionários da Administração do Guarará realizaram um cadastro dos moradores. Terça-feira, foi expedida uma notificação para a área ser desocupada em 24 horas. "Eles estavam cientes desde novembro, quando foi cassada a liminar que protegia os 31 barracos", relata o major Oliveira. "Estamos disponibilizando

seis caminhões para transportar os móveis. Se não tiverem para onde ir, a Secretaria de Assistência Social encaminha para um albergue".

O prazo dado para sair foi pouco, na opinião dos invasores. "Tivemos uma reunião na tarde de quarta-feira com o administrador do Guarará. Ele nos pediu para aguardarmos a resposta", diz Valdirene da Rocha Almeida. "Essa foi a resposta", apontando para o barraco derrubado. Procurado pelo Correio Braziliense, o administrador do Guarará, Divino Alves dos Santos, informou que foi solicitada a desocupação da área por estarem em local

irregular. Ele confirmou também que o cadastro dos moradores está sendo analisado, mas a lista dos beneficiados ainda não está pronta. "Foi prometido que os que preenchessem os critérios do governo seriam contemplados com um lote".

Além de presenciar a derrubada de suas casas, os moradores assistiam a cenas que causavam revolta. A demolição avariava diversos móveis e utensílios domésticos. O barraco situado no lote 9 foi destruído com bens dentro. "Perdi geladeira, fogão e painéis", diz José Humberto Alves, proprietário. "Vou ser indenizado. Custe o que custar".

A 50 metros da invasão, desde 1994 existe uma área mantida sob liminar. Os invasores criticam o tratamento diferenciado dado aos casos. "Aqui é um local próprio para residência, diz o contrário da invasão, não estamos em área de preservação ambiental", diz uma moradora, que pede para não ser identificada. "Aqui moram 28 famílias. Somos reconhecidos pelo Idhab e estamos em processo de legalização", finaliza.

